

COMITÉ DE INVESTIGAÇÃO CORONA - PARTE 21 | POR JOCHEN MITSCHKA

Posted on 21. Dezember 2020

Insulto a majestade ou teste necessário?

Um ponto de vista de Jochen Mitschka.

Na Sessão N° 7 do Comité Corona "As máscaras protegem ou prejudicam?", que foi temporariamente bloqueada pelo YouTube, primeiro foi relatada a situação em vários países (1). Depois, especificamente sobre a Alemanha, os factos foram compilados. Eis a terceira parte do resumo desta audiência, na qual a psicóloga Daniela Prousa tem a sua opinião, que publicou um estudo em que o problema da máscara é iluminado, com um trabalho pioneiro no campo da psicologia.

Infelizmente, a política de apagamento do YouTube estragou tudo. O vídeo ficou subitamente indisponível. E o website do Comité Corona levou-o à sessão 18 na sessão 7. Continuo agora a escrever o resumo com base nas gravações só de áudio, que foram guardadas num servidor privado durante um ano (2). Os ficheiros são pequenos, e aqueles com espaço devem descarregá-los e arquivá-los. Aparentemente, existe actualmente um esforço para suprimir qualquer informação que não esteja de acordo com a política governamental.

Daniela Prousa

A Sra. Prousa trabalha actualmente numa clínica de reabilitação centrada na gestão do stress e da dor. Num estudo, a Sra. Prousa examinou os efeitos psicológicos do uso de uma máscara e os seus efeitos físicos.

A Sra. Prousa descreveu o facto de quase ninguém ter analisado este tópico antes como uma lacuna de investigação. No seu estudo, apenas entrevistou pessoas que tinham declarado que se sentiam sobrecarregadas pelo regulamento MSN. Os resultados não se referem portanto à população como um todo. Foi realizado um inquérito em toda a Alemanha utilizando um questionário, sendo a Baviera um ponto focal. Na verdade, apenas 120 questionários foram planeados, mas devido ao número inesperadamente elevado de respostas, 1600 num período de tempo muito curto, o estudo teve de ser encerrado prematuramente.

O questionário recolheu 51 variáveis com 35 perguntas. Havia por vezes várias variáveis em cada pergunta.

Disseram respeito a questões gerais para poder distinguir a sensação de stress por máscaras das outras condições da Corona. Depois perguntas sobre condições médicas e se se é fumador, por exemplo. Depois vieram perguntas específicas sobre prescrições de máscaras. Perguntas sobre os níveis de stress e as possíveis perturbações psicovegetativas, tais como palpitações, respiração alterada, tensão muscular, sudorese. Foram feitas perguntas sobre se a agressão aumentaria, se ocorreriam conflitos, e como se sentia em relação a si próprio ao usá-la. Outras variáveis influentes foram então inquiridas e a Sra. Prousa salientou que o questionário pode ser visto em mais pormenor no apêndice do estudo (3).

A fim de excluir que apenas opiniões políticas extremas tenham problemas com o uso de máscaras, foi também pedida a atitude política. Foi então perguntado se o entrevistado é particularmente sensível e quão crítico é em geral.

O estudo teria representatividade suficiente, especialmente em termos de distribuição etária e proporção de sexo, todos os estados estariam representados. Outras validações que precisam de ser calculadas também estariam em ordem.

Relativamente aos resultados, ela explicou que, já na altura do inquérito, 60% declarou ter sofrido consequências graves. As consequências graves foram definidas como aquelas em que as pessoas sentiam uma restrição significativa na sua participação na vida social, ou seja, a renúncia forçada a um feito que já está consagrado no Código Social. Assim, pessoas que dizem, por exemplo, que já não vão às compras, ou a outras consultas, nem sequer a médicos. Isso foi classificado como um "fardo pesado".

Do mesmo modo, as pessoas que diziam estar a isolar-se, tinham argumentos frequentes, tensões sociais claras devido à regulamentação do MSN, sentimentos de discriminação constante, mas também se as mudanças alimentares ocorressem num sentido negativo, ou se as condições pré-existentes aumentassem, eram consideradas como tendo "grande sofrimento". Para que não fossem apenas pessoas, por exemplo, com distúrbios de stress pós-traumático, uma vez que os rostos cobertos pertencem a experiências anteriores das quais estes fardos surgiram. Do mesmo modo, as pessoas que relataram enxaquecas e, por exemplo, ataques de pânico foram classificadas como "gravemente stressadas".

Resultados

Um resultado, segundo a Sra. Prousa, foi que muitas perturbações psicovegetativas, ou seja, perturbações que afectam o organismo, ocorreram quando se usavam máscaras. Muitas pessoas teriam sentido sete ou mais reacções corporais. Estes incluíam tensão muscular, um sentimento de ansiedade ao respirar, uma mudança no ritmo involuntário da respiração, e palpitações. 40% de dores de cabeça relatadas. Outros resultados poderiam mostrar uma clara correlação com modelos de teoria biopsicológica, bem como de lógica. As correlações seriam claramente explicáveis em termos biopsicológicos.

Então haveria uma relação com o nível de agressão que as pessoas sentem quando usam a máscara. A máscara teria um claro potencial para desencadear uma agressão. Onde não seria tanto a máscara em si, mas o regulamento que obriga as pessoas a usar a máscara. Esta agressão correlacionar-se-ia compreensivelmente com as reacções psicovegetativas. E isto, por sua vez, causaria efeitos secundários. Para que, mesmo no rescaldo do seu uso, haja dores de cabeça, náuseas, ataques de pânico, reacções emocionais, etc.

Parte do stress vem do factor tempo, ou seja, quanto tempo duram as medidas, e da incerteza quanto ao momento em que serão completadas. 75% dos que se sentem aflitos com estas prescrições disseram claramente que o seu stress seria menor se soubessem o fim do tempo.

Também foi interessante, disse a Sra. Prousa, que 95% dos inquiridos resistiriam se não tivessem de se preocupar com sanções severas. O que mostra não só os problemas de saúde que se estão a acumular na sociedade, mas também os conflitos sociopolíticos que ameaçam.

O grupo dos que são sobrecarregados seria determinado por certas características que poderiam de facto ser consideradas particularmente dignas de apreciação. Estas pessoas tendem a ter uma consciência de saúde elevada, são sensíveis, têm uma sensibilidade elevada, têm uma mentalidade crítica, questionam a informação.

Quando questionada, a Sra. Prousa explicou que dos mais de 1010 inquiridos que foram avaliados, 1007

descreveram o actual regulamento de mascaramento como arbitrário e não baseado em provas, ao ponto de totalitário. Para muitos, a coerção teria provocado um traumatismo. Apenas três pessoas teriam classificado as máscaras de forma positiva ou neutra, apesar de terem sentido que a sua saúde tinha sido afectada.

Se se perceber a máscara apenas como "protecção", não se liberta tantas hormonas de stress, o que significa que as consequências para a saúde são correspondentemente menores.

De um ponto de vista psicológico, claro, poder-se-ia dizer que se sente melhor para aqueles que gostam de usar a máscara, e assim pertencem à maioria, usá-la. Custa menos esforço e causa menos stress, a sensação de estar do lado dos "melhores" aumenta a aceitação e reduz os sentimentos e reacções negativas às reacções físicas devido ao uso da máscara.

Mas 99,5% das pessoas sobrecarregadas teriam considerado a prescrição excessiva ou mais provável que fosse excessiva.

A agressão crescente teria agora de ser reprimida. Isto também conduziria à depressão em muitos casos, porque a agressão deveria de facto conduzir à rebelião, ou seja, à recusa de usar a máscara, mas isto é impedido pelas sanções ou medidas de repressão.

A consequência da não libertação das hormonas de stress seria, por exemplo, no caso das pessoas mais velhas, que relatariam que o seu campo de visão seria restrito e que andariam de forma instável. Muitas pessoas veriam a sua fisicalidade reduzida e isto, por sua vez, estaria correlacionado com sinais de depressão.

No questionário, os efeitos gerais do stress corona seriam delineados contra aqueles que surgiriam especificamente da prescrição da máscara. De acordo com a Sra. Prousa, verificou-se que o nível de stress da máscara era muito superior ao do stress da coroa em geral. Não só as pessoas ficariam estressadas ao usarem elas próprias a máscara, mas também ao verem pessoas a usar uma máscara. Porque, para as pessoas, é um símbolo de desproporcionalidade, não de necessidade aparente, e portanto de arbitrariedade

e sentimento de invasão. Isto colocaria um grande número de pessoas no limite de serem traumatizadas.

Isto seria documentado no apêndice do estudo por centenas de citações originais. Isto documentaria como as pessoas se sentem impotentes, expostas à arbitrariedade. Uma vez que a proporcionalidade das medidas nunca foi examinada, mas sempre apenas o benefício, mas nunca o dano foi levantado, a política é agora confrontada com esta tarefa.

Foi interjectado pelo Comité que os defensores da máscara argumentam contra os testes de proporcionalidade. A Sra. Prousa respondeu que embora isto não tivesse nada a ver com o estudo agora, poderia ser explicado de forma mais geral psicologicamente. Ela disse que se deve ter cuidado para não escorregar do ponto de vista sistémico para uma posição unilateral.

"Todos nós passámos potencialmente por uma fase na nossa biografia de desenvolvimento, na primeira infância, (...) 'Caramba, os grandes, eles já o estão a fazer, não tenho de me preocupar nada com isso, e estão todos a fazê-lo bem'. Uma teoria da infalibilidade (...)" . Isso seria normal em termos de desenvolvimento a uma certa idade, mas as pessoas podem voltar a essa posição sob stress. Pensam que não o podem questionar de forma alguma, pensam que os que estão no poder, ou o poder judicial são infalíveis. Mas isso é socialmente perigoso.

Qualquer defensor de máscaras dogmáticas deve ter cuidado para não cair nesta armadilha. Claro que se poderia concluir que seria a coisa certa para si próprio. Mas ver a máscara como um dogma é o que a torna tão perigosa.

Por outro lado, é preciso compreender que o medo também desempenha um papel inconsciente quando os proponentes acreditam que não devem sobrecarregar-se com ainda mais stress questionando as medidas e depois pertencer à minoria que interiormente se revolta contra elas. Com um nível de stress ainda maior como resultado, do qual se quer inconscientemente proteger a si próprio.

Psicologicamente, não seria de modo algum mais forte e maduro neste momento pertencer ao lado da maioria, mas ter-se-ia de poder suportar muito mais, ter mais espinha dorsal, se se pertencesse aos

rejeitores da portaria de máscara.

As pessoas projectariam na máscara uma exuberante função protectora, mas também experiências passadas. As pessoas que, por exemplo, têm uma necessidade especial de protecção devido a experiências passadas, agora preenchem essa necessidade através da máscara.

O Dr. Maaz salientou que o oposto é também o caso, nomeadamente que as pessoas perceberiam a máscara como um símbolo de ameaça. E que, nestas pessoas, ver a máscara desperta velhos medos e traumas que na realidade pareciam ter sido ultrapassados. A ameaça do vírus também cobre a ameaça que as pessoas sentem latente ou pós-traumática por outras razões, e vêem a máscara e, portanto, também a razão, o vírus, como um salvamento dos outros sentimentos, sem realmente se aperceberem disso por si próprias.

Em resposta ao comentário da Sra. Prousa de que a exigência de máscara excluía qualquer outra solução desde o início, o Dr. Wodarg interjeitou que afinal de contas se poderia encontrar tais soluções. Por exemplo, certos compartimentos em comboios para pessoas com ou sem máscaras, horários de compras para as pessoas em risco ou ansiosas com máscaras e para as pessoas saudáveis sem máscaras. Ele procurava informações sobre se tal coisa já tinha sido tentada em qualquer parte do mundo.

O Dr. Hoffmann salientou que isto seria impossível na Alemanha, porque cada discussão seria abafada com o argumento de que o vírus seria tão perigoso que um poria em perigo os outros. A máscara na Alemanha fazia lembrar um fetiche quase religioso. Depois fez uma comparação com o efeito de "remorso do comprador" ao comprar um carro. Se depois fosse atacado por um carro mau que tivesse comprado, defendê-lo-ia automaticamente.

A Sra. Prousa apontou então para experiências de desumanização e que o clube moral de alguns defensores da máscara, expresso em comentários escritos por aqueles que sofrem ao abrigo da portaria, tais como "sem uma máscara mata-se gente", teria consequências piores para a sociedade e a sua divisão do que o vírus. As experiências psicológicas conhecidas mostraram claramente que era mais fácil para os sujeitos infligir sofrimento a pessoas a quem eram dadas etiquetas desumanizantes, acreditando que estavam a

fazer a coisa certa. No entanto, esta desumanização teria existido exactamente, por exemplo, em artigos para as demonstrações críticas do governo.

Afinal, tratava-se da visão do mundo das pessoas e das dúvidas sobre aqueles em quem se deve confiar, disse a Sra. Prousa, e isso leva a dúvidas existenciais quando as pessoas se apercebem em retrospectiva que talvez não tenham feito o suficiente para evitar ou alcançar certos resultados. E, é claro, a maioria tenta evitá-lo.

Quando questionada sobre os crescentes apelos dos meios de comunicação social para que "mascarar os refractários" deixassem de receber cuidados de saúde porque, afinal de contas, o seu comportamento ocuparia desnecessariamente recursos supostamente necessários, a Sra. Prousa respondeu que esta era a habitual teoria do bode expiatório. Seria sempre bom construir um triângulo vítima-perpetrador-salvador. Neste momento, isso seria bastante forte, o que seria típico de uma ameaça que se dirigia para o trauma ou para o seu limite.

Ela declarou: "A ameaça do vírus foi extremamente propagada, pelo que o vírus é a ameaça absoluta, o perpetrador. Os salvadores seriam chamados máscara, regulamentos, dogma, e vacina. A vítima seria a população. Propaga-se que o culpado tem de ser apanhado, antes disso não haveria qualquer esclarecimento. Quem quer que alinhe com isto, divide-se mais rapidamente dizendo aos críticos desta política "A culpa é vossa, e agora devem ser punidos de forma desumana, se já são culpados e se tornam assassinos, potencial ou também concretamente, então também devem ser punidos". Então, disse ele, as fantasias de violência rapidamente surgem. O Dr. Hoffmann comparou a situação com uma forma moderna de tribalismo de tribos primitivas.

O Dr. Wodarg salientou que a ciência já não estaria orientada para o "certo" e o "errado", mas os seus resultados seriam avaliados de acordo com o "bom" ou o "mau". Isto não faria qualquer progresso na avaliação do perigo, mas encurralaria um a nível moral, razão pela qual o nível científico é abandonado. O Comité interveio que o Presidente do RKI também tinha dito que a Corona não deveria ser questionada e que as medidas prescritas deveriam ser simplesmente aceites.

O Dr. Wodarg explicou que os cientistas são pagos para questionar as coisas. Mas o que está a acontecer neste momento é exactamente o oposto. O dinheiro da investigação está a ser gasto no Covid-19, assegurando que os resultados saiam da forma que se pretende politicamente, o que é muito questionável. A investigação disparatada seria iniciada, embora o conhecimento sobre outros agentes patogénicos que poderiam ser utilizados, tais como a gripe, estivesse há muito disponível, e toda a investigação anterior fosse simplesmente ignorada. Seria absurdo o que a ciência se deixaria fazer com os incentivos proporcionados pelos fundos governamentais de investigação. As questões seriam postas de lado e o dinheiro seria utilizado para criar canais em que a ciência pensa. Isto seria indicativo da corrupção institucional da empresa científica.

A Sra. Prousa foi então interrogada sobre a hostilidade em relação ao seu estudo. Até agora, provavelmente só haveria uma pessoa que gostasse, depois de ser bloqueada nas redes sociais com um novo perfil, tentando repetidamente intimidar a Sra. Prousa e o seu estudo. O seu estudo chama-se "estudo do ranho", seria uma treta, e a Sra. Prousa provavelmente quer que muitas pessoas morram, etc. Assim, nunca se trataria de questões de conteúdo.

O Dr. Wodarg interjeitou que existem agências que lutam especificamente contra as pessoas nos meios de comunicação social por dinheiro. Por isso, disse ele, não se deve fazer nada disso.

A Sra. Prousa explicou então que a maioria das cartas, contudo, provinha das pessoas afectadas, que explicaram que o estudo dizia exactamente o que eles próprios sentiam. Além disso, declarou que, em vez da ciência, cada vez mais se encontraria propaganda no ambiente. Ela explicou que, sem um discurso crítico, até mesmo a ciência já é propaganda. E a exclusão de cientistas e médicos críticos de alto nível da discussão mostra que todas as medidas já não são baseadas na ciência, mas sim na propaganda.

Na sua pesquisa bibliográfica, teria encontrado uma recomendação da OMS datada de 5 de Junho de 2020, na qual a OMS escreve muito claramente que, no caso de uma recomendação pública de máscara, o decisor seria, evidentemente, aconselhado a descobrir todas as implicações. E que, com a ajuda da ciência social, a ciência comportamental, todos os impactos, positivos, negativos e neutros, devem ser iluminados em

diferentes contextos. Mas o que ela teria experimentado é que tal estudo não teria sido feito. Teria havido apenas estudos de benefício, começando com estudos de hamsters, mas estes não ajudariam a avaliar a necessidade. Um bronzeador solar pode ter muitos benefícios, disse ela, mas não é automaticamente necessário num Verão nublado de 3 meses para os africanos negros.

Além disso, é claro, uma análise de benefício puro não diria nada sobre a relação benefício/ dano. Especialmente se não se fizesse um levantamento deliberado dos danos. Não teria sido tarefa deles realizar tal estudo, mas a do governo.

O Dr. Wodarg salientou que a avaliação do benefício/ prejuízo era na realidade um dos princípios mais importantes na medicina. E isto teria de ser decidido por pessoas treinadas nas situações reais, que fariam uma indicação com base na situação no local. E que depois também têm a responsabilidade por ela. Isto teria de ser exigido às autoridades sanitárias.

O Dr. Maaz interjeitou que se saberia pela psicoterapia que quando as pessoas aparentam ser moralizantes e fortemente propagadoras, que estes seriam sempre sintomas de crises mentais graves. Estas seriam armas de defesa afiadas. Se os usássemos contra a sociedade, teríamos de recear que, com o aumento da defesa moralizante e propagandística contra as críticas, teríamos de lidar com uma grave crise social.

com uma grave crise social. Tenta-se ultrapassar esta crise através de um comportamento errado, mas isto produzirá exactamente o contrário.

O Dr. Hoffmann salientou que mesmo no sistema judicial nunca houve uma exigência de uma pesagem de benefício/ prejuízo, mas que sempre se partiu simplesmente do princípio de que a máscara era útil e que tinha de ser aplicada. Os advogados eliminariam frequentemente todo o caminho de um equilíbrio saltando imediatamente para o equilíbrio entre a vida e a liberdade sem terem feito de todo o equilíbrio anterior. Tudo o que tinha sido construído em termos de metodologia jurídica e científica teria sido destruído pelo comportamento dos responsáveis por causa da Corona.

O Dr. Maaz salientou que durante décadas tinham sido feitas tentativas para ver a medicina como uma

ciência sistémica, mas agora ela estava a ser reduzida a um vírus. Ele disse estar chocado com a forma como a medicina se tinha deixado reduzir a um estado tão primitivo, onde a experiência acumulada das últimas décadas foi simplesmente negada.

A Sra. Prousa respondeu que o homem era um ser sócio-emocional, e se os comentários agora mostraram que ele só se vê reduzido a um vírus, vê-se a si próprio como um potencial portador de vírus, isto deve ser visto como um aviso.

Depois discutiu-se o que aconteceria aos asmáticos e outras pessoas doentes que não estão autorizadas a usar máscaras por razões de saúde, mas que se sentem obrigadas a fazê-lo por razões sociais. Se chamar a todos os não utilizadores de máscaras "refusores de máscara", é comparável a chamar nomes de utilizadores de cadeiras de rodas porque não conseguem subir as escadas.

A Sra. Prousa acrescentou que o estudo tinha estabelecido de forma credível, através de informação livre autêntica, que as pessoas eram claramente prejudicadas fisicamente não só no caso de enfermidades físicas mas também através de sofrimento mental. E isto não é apenas verdade para as pessoas com PTSD, disse ele. Não só as condições pré-existentes voltariam a surgir, como novas condições seriam criadas pelas medidas.

O Dr. Wodarg declarou então que se o Tribunal Constitucional se referisse ao Instituto Robert Koch ao avaliar o perigo, então já não se podia sequer ter confiança no Estado constitucional. O RKI é um instituto dependente de instruções e pertence ao governo que inicia os regulamentos. Se o Tribunal Constitucional não se deu ao trabalho de questionar a base científica desta decisão, então o Tribunal Constitucional já não podia ser invocado.

A Sra. Prousa salientou que agora que o estudo iria também mostrar pela primeira vez o lado negativo da exigência de máscara, o caminho através das instâncias legais seria tentado mais uma vez. O Tribunal Europeu dos Direitos do Homem estaria no fim. No entanto, ainda havia falta de apoio financeiro para cobrir os custos do processo.

Com isso, a audiência chegou ao fim.

Fontes:

<https://youtu.be/3NgjZBU3DDw>

<https://corona.uber.space> Sitzung 7: https://corona.uber.space/07_2020-08-06.opus

<https://www.psycharchives.org/handle/20.500.12034/2751> Ich empfehle die Studie herunterzuladen

[https://www.psycharchives.org/bitstream/20.500.12034/2751/1/Studie PsychBeschwerdenMasken DP.pdf](https://www.psycharchives.org/bitstream/20.500.12034/2751/1/Studie_PsychBeschwerdenMasken_DP.pdf). Inzwischen hat sich die veröffentlichende Organisation bereits in einem "Disclaimer" von dem Inhalt distanziert. Es scheint, als ob die falschen Fragen gestellt wurden.

Aqui está um link para o vídeo em Bitchute.com: <https://www.bitchute.com/video/E2jew9gP7Kvf/>

+++

Graças ao autor pelo direito de publicar.

+++

Fonte da imagem: OvalMedia

+++

KenFM esforça-se por apresentar um amplo espectro de opinião. Os artigos de opinião e os lugares de convidados não precisam de reflectir a opinião do conselho editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras formas de nos apoiar aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora pode apoiar-nos com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK